

António Borges ficou "impressionado com cortes". Ex-director FMI perdeu 75% do salário

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19-03-2012

Meio: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.dinheirovivo.pt/Empresas/Artigo/cleco038813.html>

Ex-dirigente da Goldman Sachs diz-se "impressionado" com cortes. Gestor ganhava 220 mil euros no FMI; vai receber 54 mil na Jerónimo Martins António Borges vai receber um quarto Vítor Rios 19/03/2012 | 18:25 | Dinheiro Vivo A saída precipitada do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o regresso à Jerónimo Martins como administrador deverá implicar um corte imediato de 75% no salário bruto anual de António Borges. No FMI, o ex-dirigente da Goldman Sachs ganhou, durante o ano em que lá esteve como diretor do departamento europeu, cerca de 220 mil euros brutos (306 mil dólares), segundo consta no relatório anual da instituição. Na Jerónimo Martins, onde retoma o lugar de administrador não executivo (no qual esteve entre 2001 e final de 2010), Borges irá ganhar 54 mil euros por ano, indicam os últimos dados do grupo que controla os supermercados Pingo Doce. Na semana passada, o economista do PSD confessou-se positivamente impressionado com a deterioração dos salários em Portugal: "é impressionante a forma como os salários estão a cair, tal e qual como se houvesse uma desvalorização da moeda". De acordo com o Jornal de Negócios online, "isto está a passar-se na economia com um extraordinário consenso e harmonia social". Para António Borges, que depois do Goldman Sachs e antes do FMI esteve à frente do conselho mundial dos hedge funds (Hedge Fund Standards Board), a redução de salários é uma coisa boa pois devolve competitividade à economia. Na sua intervenção, no INSEAD, Borges não estaria a falar em causa própria, mas no seu caso particular, a perda é substancial. Ainda assim, faltam conhecer alguns detalhes acerca das suas remunerações: não se sabe, por exemplo, quanto irá ganhar por coordenar a Comissão de Acompanhamento das Privatizações. Este organismo criado pelo Governo deverá pagar 25 mil euros à equipa que vier a ser formada. Borges, o consultor principal da Parpública para esta área, terá sempre a última palavra sobre os negócios que vierem a ser firmados, isto é, sobre os cinco mil milhões de euros que o Estado pretende arrecadar com a venda de várias empresas e negócios públicos. A sua proximidade aos hedge funds poderão ajudá-lo na nova tarefa. A acumulação do cargo de consultor público com o de administrador de uma grupo privado (Jerónimo Martins) veio suscitar críticas de que os cargos haveria incompatibilidade. Foi o que fizeram o PS, PCP e BE. As Finanças já garantiram que esse problema não se coloca. Um ano no FMI António Borges teve uma passagem meteórica pelo FMI onde, segundo consta, nem tudo lhe correu bem. Entrou em Novembro de 2010 e saiu um ano mais tarde por "razões pessoais", e pouco depois de Dominique Strauss Kahn também ser obrigado a resignar na sequência de suspeitas de violação a uma empregada de hotel. Este ex-diretor geral do

FMI foi quem nomeou Borges para o cargo de diretor europeu. Entre as "razões pessoais" estarão o "excesso de protagonismo" que contrasta com o low profile exigido aos altos quadros do FMI. Nomeadamente, duas declarações consideradas bombásticas e contrárias às posições oficiais e diplomáticas do Fundo: a sugestão de que o FMI deveria usar recursos próprios para estabilizar a crise das dívidas soberanas europeias (comprar obrigações nos mercados privados primário e secundários para aliviar os juros cobrados aos Tesouros nacionais); e críticas ao programa de consolidação orçamental britânico, que terão incomodado o ministro das Finanças, George Osborne. A primeira declaração terá sido a 'pior' de todas: caiu mal junto dos governos de Alemanha e França, e também no BCE, as entidades que fazem questão de liderar as respostas à crise desde o primeiro minuto.